

Olhem para cima

» RICARDO NOGUEIRA VIANA
Delegado Chefe da 6ª DP, é professor de educação física

Encerrando o ciclo da era Tite e quem sabe até do jogador Neymar, o Brasil, mais uma vez de forma prematura, encerra a sua participação na Copa do Mundo do Catar. São 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial, em 2002. Desde então, a esquadra brasileira apenas alcançou um pífio quarto lugar na Copa sediada em nosso território. Se fôssemos fazer um retrospecto desde a primeira conquista, em 1958, poderíamos indagar que, além de um grande time, as seleções brasileiras vencedoras esbanjavam não só jogadores, mas gênios. E não é o que se vê agora.

Depois da ressaca da derrota para a Croácia, é quase unânime opinar que não tínhamos o melhor time. Argentina, Marrocos e mais uma vez a França mostraram que trazem um padrão de jogo diferente e mais eficaz do que o apresentado pela nossa Seleção. Plantel que há três Copas do Mundo traz uma dependência física e emocional do atacante Neymar, jogador que, na Copa sediada no Brasil, saiu devido a uma lesão — pouco após amargamos o trágico 7x1 para Alemanha.

Quatro anos depois, na Rússia, ele nada acrescentou e ainda saiu desprestigiado de tanto que rolou e gritou em amadoras encenações de faltas. E agora, nada de novo. Apesar de ter feito um gol na prorrogação, Neymar perdeu várias oportunidades de definir a partida contra a Croácia e contribuiu para que o time adversário, apesar da inferioridade técnica, pudesse trabalhar a bola e aproveitar uma de suas poucas oportunidades de gol. Na disputa de pênaltis, ganhou a seleção mais competente.

Não é preciso rememorar a escalção das equipes de 1958, 1962 e 1970, para saber que, além de um elenco fabuloso, tínhamos em campo os imortais Pelé e Garrincha. Portanto, vamos aos mortais. Na escalção da Seleção de 2002, tínhamos nada menos que Roberto Carlos, Kaká, Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho. Os últimos quatro ganharam a Bola de Ouro, isto é, foram considerados os melhores do mundo. Fica a pergunta: é possível encontrar alguma correspondência entre esses jogadores e a Seleção Brasileira de hoje? Não, sinceramente não. Quer dizer, o Brasil, para ser campeão, precisa de um técnico agregador, de um bom time, além de talismãs, jogadores que se diferenciam não só pela qualidade técnica, mas pelo poder de jogar, liderar e vencer.

Tite é um estudioso. Levou o mediano time do Corinthians aos títulos de campeão Brasileiro em 2011, da Copa Libertadores em 2012 e, nesse mesmo ano, de campeão do Mundo, derrotando o poderoso Chelsea. Após as conquistas, Tite preparou-se e chegou à Seleção Canarinho. Perdeu a Copa de 2014, após um tropeço inesperado na até então tímida seleção belga. Foi mantido no cargo em busca de dar continuidade ao seu trabalho, situação rara no Brasil. Entretanto, apesar de ter um time, faltaram-lhe prodígios. No seu tabuleiro, o Rei, ou melhor, o Ney, não soube turbinar seus peões e suas torres.



Os jogos da Seleção foram acompanhados de perto pelos heróis do penta: Roberto Carlos, Ronaldo e Rivaldo, os quais se encontravam na tribuna de honra. Todos formais, de terno e gravata, esbanjando sobrepeno, mas externando autoridade. Era só os jogadores olharem para cima com o intuito de buscarem motivação. Podem até ter feito isso, mas o Brasil só tinha um time e esquema tático.

Faltaram talentos que pudessem desbançar a tímida, porém mais concisa e preparada emocionalmente seleção croata. O que se viu no último jogo da nossa Seleção presenciados também na Copa de 1982. Com um adendo: aquele grupo tinha um time e também ícones — Zico, Sócrates, Éder, Júnior encantavam o mundo na composição daquela Seleção Canarinho, contudo, retornaram para casa após a precoce eliminação pela Seleção italiana, a qual se sagrou campeã daquele mundial. Vai entender...

A Copa terminou para nós e agora se inaugura novo ciclo, o qual tem como início a escolha de novo técnico. Um novo guia que deverá formar o seu grupo e garimpar algo mais

do que talentos. Neymar? Talvez sim, pois ele é sem dúvida o que temos de melhor, mas já foi visto que não é o expoente de sua geração e que também não está fazendo a diferença. Terceira Copa que passa despercebido e nunca ganhou uma Bola de Ouro.

Por coincidência, as seleções de Messi, de Modric e do jovem Mbappé — atletas em evidência, continuaram na disputa. Richarlison, Vinícius Junior e Rodrygo são craques, mas creio que não são talismãs. Os europeus já mostraram que são obedientes aos esquemas táticos e se adaptam às adversidades para chegar aos seus objetivos. Somente com estratégia, o Brasil não leva o troféu.

Voltamos para casa para mais um choro de quatro anos, entretanto é bom saber que todos os times que ali estão, ao olharem para cima e visualizarem nomes como Ronaldinho, Rivaldo e Roberto Carlos, fazem-lhes reverência. Caso quisessem, esses luminares das quatro linhas, mesmo aposentados, teriam lugar garantido em qualquer das seleções do mundial. Quanto à Seleção marroquina? Copa do Mundo, sua danada!

Agricultura familiar tratada com respeito e valorização

» GUILHERME SORIA BASTOS FILHO - Chefe da Assessoria Especial Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

» WILSON VAZ DE ARAÚJO - Diretor do Departamento de Política de Financiamento ao Setor Agropecuário

» JOSÉ HENRIQUE DA SILVA - Coordenador-Geral de Crédito à Agricultura Familiar

As melhores práticas de gestão pública recomendam que se olhe inicialmente para “o todo” no momento de definir políticas públicas para “as partes”. No caso da agropecuária brasileira não é diferente. É fundamental a fotografia global para identificar as melhores políticas para cada segmento, para cada região, para cada bioma.

Os números mostram que nunca antes na história do país a agricultura familiar recebeu tanta atenção — e recursos — para subir o degrau do desenvolvimento social, econômico e ambiental. Basta dizer que 70% de recursos orçamentários para pagamento de equalização de encargos financeiros do Plano Safra 2022/2023 foram destinados para a agricultura familiar.

Isto significa nada menos que R\$ 8,64 bilhões de um total de R\$ 12,4 bilhões de recursos do Tesouro Nacional, priorizando o segmento com taxas de juros bem abaixo das taxas de mercado. O restante, com taxas de juros um pouco maiores mas ainda abaixo do mercado, foi utilizado pela chamada Agricultura Empresarial, que incluem pequenos, médios e grandes produtores.

O volume de recursos para o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) teve significativo avanço nos últimos quatro anos. A disponibilidade de recursos para atender os agricultores familiares contou com uma ampliação superior a 90% entre as safras 2018/2019 e 2022/2023, passando de R\$ 31 bilhões para os atuais R\$ 59,2 bilhões. Este valor, aliás, é quase 20% superior

ao que a própria Contag reivindicava quando estávamos ouvindo as necessidades de cada segmento para construir o Plano Safra.

Mas teve mais. Entre outros avanços e conquistas no período de 2019 a 2022, no âmbito do Pronaf, está a linha de crédito de investimento destinada à construção ou reforma de moradias no meio rural. Assim, o agricultor familiar passou a contar com a disponibilidade de até R\$ 60 mil, financiados no Pronaf, para construir ou reformar a sua própria casa.

Os agricultores familiares mais vulneráveis, com renda bruta familiar anual até R\$ 23 mil, contaram também com a manutenção do microcrédito (Pronaf B), com taxas de 0,5% ao ano. Já os assentados da Reforma Agrária tiveram acesso ao Pronaf A, podendo contratar crédito para investimento agropecuário de até R\$ 31,5 mil, com 10 anos para pagar incluídos três anos de carência, juros de 0,5% ao ano e bônus de adimplência de 40%. No Ano Safra 2021/2022 foram realizados mais de 700 mil contratos com agricultores enquadrados no Grupo B e A do Pronaf, superando R\$ 3,4 bilhões.

Outro importante registro é a significativa ampliação de crédito rural concedido aos indígenas, quilombolas e extrativistas, no âmbito do Pronaf, a partir da Safra 2019/2020. Houve um crescimento de 71%, 870% e 908% respectivamente para extrativistas, indígenas e quilombolas. Passamos a atender 9.437 beneficiários (contratos realizados), um número 256% maior do que o de quatro anos atrás.

O tratamento único para toda a

agricultura permitiu atuar com mais eficácia em outras políticas públicas que envolvem o agricultor familiar. O Pronaf apostou na sustentabilidade e passou a identificar quatro linhas de crédito como integrantes do Plano ABC+: Floresta, Semiárido, Agroecologia e Bioeconomia. Foram R\$ 720 milhões em 33 mil contratos no Ano Safra 2021/2022, um crescimento superior a 100% em relação ao Ano Safra 2018/2019.

A assistência técnica chegou a quem vivia da subsistência com o reforço do programa Agronordeste, permitindo que o produtor familiar do semiárido brasileiro pudesse ampliar sua produtividade e renda. Gerar renda, neste caso, é a melhor tradução para desenvolvimento regional e fornecimento de alimentos para aquela população.

Não podemos esquecer que também foi graças ao “olhar para o todo” que conseguimos resolver uma questão que, finalmente, deu um conceito mais apropriado à Reforma Agrária. Foram entregues 444 mil títulos de terra a assentados do Incra, permitindo que eles pudessem, de fato, se transformar em produtores, com acesso a crédito e à assistência técnica.

O que pudemos observar nestes últimos quatro anos foi que os resultados desta política única para a agricultura — claro, com as especificidades exigidas para cada perfil do produtor —, mostram a importância de valorizar o agricultor familiar para que ele se insira definitivamente na cadeia produtiva. Os frutos desta política podem ser encontrados nas nossas mesas e no sorriso do produtor familiar.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.dfgadabr.com.br

Ecos

Quando em 2005 o filósofo e semiólogo Umberto Eco (1932-2016) deixou escapar em um artigo a afirmação de que “a internet deu voz à uma legião de imbecis”, o que à primeira vista parecia um comentário vindo de um professor e linguista cansado do ofício, se transformaria na mais acurada e crua análise do que viriam a ser as mídias sociais nesse século 21.

Arrastada para o campo amoral da política, as mídias sociais ganharam ainda mais visibilidade e despudor ao influenciarem os debates tanto nas trincheiras dos partidos, como junto as defesas dos eleitores e cidadãos. De fato, os imbecis, por sua multiplicação geométrica estão em toda a parte, quer no lado dos ideólogos, quer do lado da sociedade. As mídias sociais abriram palanques para todos. Até mesmo os insuspeitos intelectuais da política, com assento nas altas cortes, usam-na em desfavor da lógica, deixando transparecer sua volúpia e falsa ilustração acadêmica.

Ninguém que venha se expor nas redes está livre de vir, algum dia, a ficar nu diante de todos, mesmo sem perceber. Não chega a ser surpreendente que as mídias sociais tenham, por sua disseminação, dado a oportunidade para que se perceba que nesses debates sem fim tem feito com que todos tenham razão, embora nenhuma das partes esteja absolutamente certa.

O que se apresenta aqui como rede mundial são as ilusões geradas com o meio digital. A virtualidade dos debates levou-nos a um “não lugar”, onde tudo é possível. Onde mentira e verdade perdem seu valor moral e ético, mesmo que ambos os lados possam gerar realidades desastrosas. Onde toda essa tecnologia de ampliação da voz humana irá nos levar, é tarefa dada hoje aos pensadores e filósofos modernos, debruçados sobre a cabeça desse gigante de voz global. Uma das questões que se apresentam aqui para os estudiosos, é conhecer as razões que levaram essa ampliação das mídias sociais a acelerar os sinais de antagonismo entre as pessoas, elevando as radicalizações humanas, como se fôssemos lançados de volta ao tempo das cavernas, onde o instinto de defesa parecia estar acima da razão.

As mídias sociais polarizaram, ainda mais, as ideias, quando passou a ser conduzida pelos trilhos da política, reconduzindo a sociedade a um processo de animalização, distante, cada vez mais dos princípios de civilidade. Nesse caso particular, perdemos a capacidade de cidadania, trocada por valores e ditames políticos. Em um diálogo de mudos, entre vitupérios e palavras de baixo calão, abrimos espaço também para que os políticos e a elite estatal, anunciem a regularização das mídias, ou simplesmente a censura dos meios eletrônicos como vem sendo anunciado agora, com ameaças e outras pressões.

Na realidade, a liberdade no fluxo de informação sempre foi manipulada. O que as pessoas sabem ou pensam que sabem é, previamente, bem filtrado. Não existe, pois, o fluxo sem controle de informação, mesmo que leis de transparência, anunciem essa possibilidade. Com isso é possível prever que chegará um dia em que as mídias sociais se transformarão, na voz mecânica do Leviatã, troando debaixo de sua cama. Dizendo o que fazer em cada dia. Proibindo você até de desplugar os computadores.

» A frase que foi pronunciada

Nessas condições não há lugar para a Indústria; porque o seu fruto é incerto; e conseqüentemente nenhuma Cultura da Terra; nenhuma Navegação, nem uso das mercadorias que possam ser importadas por Mar; nenhum edifício cómodo; nenhum instrumento de movimentação e remoção de coisas que exijam muita força; nenhum Conhecimento da face da Terra; sem conta do Tempo; sem Artes; sem Letras; nenhuma Sociedade; e o que é pior de tudo, medo contínuo e perigo de morte violenta; E a vida do homem, solitária, pobre, sórdida, bruta e curta.

Thomas Hobbes, Leviatã

Aí pode?

» Andam pendurados no caminhão no meio da madrugada recolhendo lixo deixado pelos moradores. Esses homens mereciam, no mínimo, o melhor plano de saúde do GDF. Pelos pulmões, pelas horas mal dormidas e, principalmente, pelo perigo que enfrentam quando vão respirando o lixo, sem segurança alguma. Vale lembrar que dirigir com o braço para fora gera multa, já o corpo de um gari, não.

#Puerilsóquenão

» Uma correria no Parlamento para a mudanças de leis já configuradas e aprovadas. Uma delas é a que altera as regras para a escolha dos integrantes do Conselho Administrativo do CADE. Um dos argumentos é a economia ao diminuir o número de integrantes do conselho. A proposta apresentada na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara foi elaborada para modificar a Lei de Defesa da Concorrência. Em breve deve chegar ao Senado.

» História de Brasília

A fiscalização da Prefeitura está complacente demais. No HP3, próximo ao Colégio D. Bosco, há um senhor que construiu uma residência de madeira, com todos os requisitos de conforto, o que não quer dizer que seja provisório. (Publicada em 14.03.1962)